

RECENSÃO CRÍTICA

JOHN PEMBLE, *THE MEDITERRANEAN PASSION. VICTORIANS AND EDWARDIANS IN THE SOUTH*, OXFORD, OXFORD UNIVERSITY PRESS, 1987

Maria Teresa Pinto Coelho

Num momento em que se multiplicam as publicações de relatos de viagem e em que se desenvolvem os estudos sobre a Imagem que de nós, Portugueses, o Outro (sobretudo o inglês ou o francês) recriou, valerá apenas ler *The Mediterranean Passion*.

O livro de John Pemble, sobre a presença dos países mediterrânicos no imaginário vitoriano e eduardiano, vem preencher uma lacuna deixada pela ainda que vasta bibliografia sobre o viajante britânico e o seu papel no desenvolvimento da chamada literatura de viagens ⁽¹⁾. Na verdade, os especialistas do género têm-se, sobretudo, debruçado sobre o Grand Tour ⁽²⁾ ou as tão citadas peregrinações românticas de figuras literárias como Beckford, Southey ou Byron ⁽³⁾. Pelo contrário, *The Mediterranean Passion* analisa o período compreendido entre 1830 e 1914, uma época pouco considerada pela crítica, talvez porque, pela sua progressiva divulgação, a viagem perdera aquele carácter quase mítico que anteriormente a caracterizara.

⁽¹⁾ A designação de literatura de viagens tem-se revelado polémica, não tendo até agora sido estabelecida uma tipologia precisa. Por esta razão adoptaremos a linha de pensamento seguida por Percy G. Adams, que considera estar incluído na literatura de viagens qualquer texto resultante de uma deslocação real ou fictícia, independentemente do seu grau de literalidade. A este respeito veja-se, do autor, *Travel Literature and the Evolution of the Novel*, Lexington, the University Press of Kentucky, 1983 e *Travellers and Travel Liars*, New York, Dover Publications, 1980.

⁽²⁾ Ver, por exemplo, William Edward Mead, *The Grand Tour in the Eighteenth Century*, Boston, Houghton Mifflin Century, 1914; G. B. Parks, «Travel as Education», in *The Seventeenth Century Studies in the History of English Thought and Literature from Bacon to Pope*, Stanford, California, 1951, pp. 266-290 ou, mais recentemente e baseado na série televisiva da BBC, Christopher Hibbert, *The Grand Tour*, London, Methuen, 1987.

⁽³⁾ Sobre o viajante romântico consultar a tese de doutoramento de Mary Sue Robinson Morrill, *The British Literary Traveller on the Continent 1795-1825*, facsimile printed by Microfilms International, Ann Arbor, Michigan, U.S.A.

The Mediterranean Passion começa onde a maioria dos outros estudos acaba. Começa quando a revolução nos meios de transporte alarga a viagem a um maior número de pessoas e os objectivos que haviam presidido ao Grand Tour são substituídos por princípios ditados por uma nova ordem económica e social (4). É então que John Pemble se propõe levar-nos a viajar pelos países mediterrânicos, primeiro ainda a cavalo, depois de barco a vapor e, finalmente, de comboio. Os locais visitados serão, fundamentalmente, a Itália, o Sul de França e o Egipto. O autor quase não se refere a países como a Grécia e a Espanha, destinos de somenos importância para o viajante da época, o mesmo acontecendo com a Argélia e a Palestina. Quanto a Portugal, é mencionado apenas uma vez, a propósito das viagens motivadas por razões de saúde:

«Madeira and Lisbon, much in vogue during the war years, when the Continent was closed to British visitors, had already dropped out of favour with the return of peace and the reopening of the Mediterranean countries.» (p. 85)

Esta afirmação refere-se ao período das Guerras Napoleónicas que, dados os perigos que apresentava ao viajante e conseqüente redução do fluxo de deslocamentos ao Continente, é geralmente considerado como o fim do tradicional Grand Tour. Seria, porém, nessa época que Portugal se abriria a um outro tipo de viajante, aquele que não se deslocava por razões que hoje em dia seriam consideradas turísticas, mas que, de uma forma ou de outra, fazia parte do teatro de guerra (5). O mesmo aconteceria por ocasião da Guerra Civil (6). John Pemble parece não conhecer os relatos sobre Portugal e mesmo sobre a Espanha, afirmando acerca desta última:

«Spain, until quite late in the nineteenth century, still seemed as remote as it had seemed in the eighteenth.» (p. 48)

(4) Embora o Grand Tour tivesse as suas origens na época isabelina, é no século XVIII que ele se expande, tornando-se quase uma instituição. A essa deslocação ao Continente, que tinha uma duração média de três anos, estava associado o lema «pleasure and instruction» perpetuado no prefácio de Fielding a *The Journal of a Voyage to Lisbon*. A viagem enquadrava-se, assim, no espírito iluminista, aliando à vertente lúdica o seu carácter didáctico. Tal viria a modificar-se com o Romantismo e, posteriormente, com o desenvolvimento dos meios de transporte.

(5) O número de relatos de viagem escritos por ingleses sobre o período das invasões francesas é vastíssimo. Destacamos: Andrew Halliday, *The Presente State of Portugal and of the Portuguese Army: with an Epitome of the Ancient History of that Kingdom a Sketch of the Campaigns of the Marquis of Wellington for the Last Four Years: and Observations on the Manners, Customs of the People, Agriculture, Commerce, Arts, Sciences and Literature*, Edinburgh and London 1812; George Landmann, *Historical, Military and Picturesque Observations on Portugal, Illustrated by Seventy-five Coloured Plates, Including Authentic Plans of the Sieges and Battles Fought in the Peninsula During the Late War*, 2 vols, London, 1818, ou William Francis Patrick Napier, *English Battles and Sieges in the Peninsula*. Extracted from his «History of the Peninsular War», London, 1855.

(6) O conflito entre liberais e absolutistas é também largamente retratado pelos viajantes britânicos, desde a tomada do poder por D. Miguel até à derrota das forças absolutistas. Veja-se, por exemplo, G. Lloyd Hodges, *Narrative of the Expedition to Portugal in 1832*, 2 vols, London, 1833; James Edward Alexander, *Sketches in Portugal During the Civil War of 1834. With Observations on the Present State and Future Prospects of Portugal*, London, 1835; Charles Napier, *An Account of the War in Portugal Between Don Pedro and Don Miguel*, 2 vols, London, 1836.

Basta-nos consultar as bibliografias da especialidade (?) para ver que a partir de meados do século XVIII se intensificam as viagens de cidadãos britânicos à Península, no caso de Portugal sobretudo após o Terramoto. Embora não fizesse parte do tradicional Grand Tour, Portugal torna-se, a partir de então, alvo da curiosidade e satisfação da necessidade de exotismo do viajante britânico (?). Este movimento não mais iria parar, passando pela fase dos românticos, das já mencionadas invasões francesas e da guerra civil e estendendo-se mesmo para além de 1830, a data limite escolhida por John Pemble como início da sua investigação. Na segunda metade do século XIX ainda há vários ingleses que se deslocam a Portugal e publicam as suas impressões. É, por exemplo, o caso de William Henry Giles Kingston, Terence MacMohan Hughes ou Oswald Crawford (?).

Porém, não se poderá comparar o peso da literatura de viagens sobre Portugal com a vasta produção escrita dedicada à Itália, quer na época estudada pelo autor, quer anteriormente. De facto, *The Mediterranean Passion* centra-se primordialmente no fascínio que a Itália desde sempre exerceu no viajante britânico. Embora haja referências à Riviera Francesa e ao Egipto, estes países ocupam um lugar secundário na investigação de John Pemble, já que só tardiamente se converteria em objecto da curiosidade britânica. O Egipto tornar-se-ia popular no final do século, especialmente a partir de 1882, quando se tornou um protectorado da Grã-Bretanha. Quanto às estâncias da Riviera Francesa, apenas ultrapassariam a Itália a partir dos finais da década de 60.

É, na verdade, especialmente para Roma, Florença e Veneza, cidades que já na época do Grand Tour constituem os principais pólos de atracção, que confluem os viajantes vitorianos e eduardianos. Serão eles os nossos companheiros de viagem ao longo de *The Mediterranean Passion*. Trata-se, como explica John Pemble, de um grupo sócio-cultural específico constituído por membros da alta burguesia e da aristocracia, representantes do mundo literário e artístico, intelectuais e académicos, os quais deixaram registadas imagens que durante muito tempo povoaram a imaginação dos seus leitores e muito contribuíram para a construção do mito do Sul.

O autor utiliza uma vasta e interessante bibliografia, que compreende não só relatos de viagem, mas ainda cartas, autobiografias, livros de memórias e romances. É através de todos estes subgéneros da literatura de viagens que percorreremos os caminhos seguidos por escritores, pintores, historiadores, filósofos, jornalistas, sociólogos, médicos e veremos como a viagem ao Sul influencia a literatura da época e está ligada à própria vida pessoal de figuras

(?) Ver o terceiro volume de Arturo Farinelli, *Studie Documenti... Viajes por España y Portugal. Desde la Edad Media hasta el siglo XX. Nuevas y Antiguas Divagaciones Bibliograficas*, Firenze, 1944.

(?) Para uma visão geral da história dos viajantes britânicos em Portugal, poderá consultar-se Rose Macaulay, *They Went to Portugal*, London, Jonathan Cape, 1946 e Félix Walter, *La Littérature Portugaise en Angleterre à l'époque romantique*, Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion, 1927.

(?) Respectivamente: *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil*, 2 vols, London, 1845; *An Overland Journey to Lisbon at the Close of 1846; with a Picture of the Actual State of Spain and Portugal*, 2 vols, London 1847 e de Crawford, *Portugal Old and New*, London, 1882 e *Round the Calendar in Portugal*, London, 1890.

como Oscar Wilde, George Eliot, o casal Browning, Foster, Dickens, D.H. Lawrence, entre outros.

Poderíamos pensar à primeira vista que se trataria de uma apresentação de livros e autores, um levantamento de locais, um enumerar das opiniões expressas com a ironia e o distanciamento a que os viajantes ingleses nos habituaram. Porém, rapidamente nos apercebemos de que se trata de algo muito diferente. *The Mediterranean Passion* não é apenas um registo do que os ingleses achavam do Sul, uma catalogação de atitudes face ao universo de chegada do viajante, mas um meio de compreensão da sociedade vitoriana e eduardiana. Como anuncia o autor na Introdução:

«No understanding of the lives of the Victorian and Edwardian leisured and literary classes can be complete without some knowledge of how they travelled to the South, where they went in the South, why they went, how their experiences shaped their attitude, and how their attitudes shaped their experience.» (p. 14)

Assim, não é tanto a viagem do Outro que o autor pretende descobrir na literatura de viagens da época mas em que medida a visão do Outro é espelho do mundo do Eu.

Já em *Reiseberichte als Quellen europäischer Kulturgeschichte*, publicado em 1982, Michael Harbsmeier apontara as vantagens de tal metodologia, indicando um novo caminho no estudo de testemunhos de viagem, que até então eram apenas vistos como fontes de estudo dos países a que se referem:

«In Anbetracht dieser Schlage muß man sich eigentlich wundern, warum bisher so wenige auf den Gedanken gekommen sind, die eingangserwähnte Eigenart der Reisebeschreibungen als eigentliches Erkenntnisobjekt auszusehen, d.h. die Reiseberichte nicht als Quellen zu den beschriebenen Ländern oder der literarischen Phantasie ihrer Autoren, sondern ganz einfach als Zeugnisse für die Mentalität seines Heimatlandes anzusehen.»⁽¹⁰⁾

Tal perspectiva, raramente adoptada, é duplamente reveladora: não só permite, através do olhar crítico de quem observa, conhecer os hábitos e costumes dos países visitados mas também as razões pelas quais tais costumes são vistos segundo uma óptica específica. Assim, depois dos capítulos iniciais que nos dão a conhecer *como e para onde* se viajava, o autor apresenta os motivos que condicionaram, limitaram e desfiguraram a imagem dos países mediterrânicos pelo grupo sócio-cultural que constitui o *corpus* da investigação.

A ascendência do Evangelismo a partir da década de 30 é apontada pelo autor como um dos factores explicativos de muitas das reacções perante os

⁽¹⁰⁾ *Reiseberichte als Quellen europäischer Kulturgeschichte*, Wolfenbüttel, Hekners Verlag, 1982, p. 1.

países visitados, assim como da atitude face à viagem em si. Ao defender a disciplina moral e a auto-mortificação e ao olhar com desconfiança o prazer estético e o deleite dos sentidos, o Evangelismo enfatiza o valor do trabalho e negligencia as distrações mundanas. A diversão é, pois, moralmente condenável, como afirma Walter E. Houghton ao caracterizar a mentalidade vitoriana:

«Only by realising what a desperate struggle the moral life entailed, both to resist temptation and to train the will, can we do justice to the Victorian taboos, so often and so easily ridiculed: the prohibition of dancing, cards, and the theater; of reading various works of literature.»⁽¹¹⁾

Numa época em que Deus e trabalho, salvação e respeitabilidade, seriedade moral e ambição social são conceitos-chave, o acto de viajar corria o risco de ser interpretado como um sinónimo de diversão e, portanto, uma ameaça aos valores morais e sócio-económicos que regiam o comportamento do viajante. Viajar era quase que anti-patriótico:

«The Victorians, it seems, found it almost better to travel purposefully than to arrive. This was because they were conditioned to regard absence abroad — especially prolonged absence — as something suspect and subversive. Abandoning Britain meant abandoning home. It therefore threatened all the cherished values that Home implied — fidelity, obedience, connubial affection, and a stable and rooted existence. [...] Furthermore, going abroad subtracted strength from the national fight against spiritual and material destitution.» (p. 53)

A viagem deveria, portanto, ser encarada e empreendida com um duplo objectivo moral e cultural, constituindo não só um meio de aprendizagem como também uma fonte de aperfeiçoamento espiritual. Como afirma F. M. L. Thompson:

«They took their holidays very seriously indeed, and expected to return home mentally, spiritually, and physically refreshed and enriched.»⁽¹²⁾

Subjacentes à viagem encontram-se, assim, atitudes falaciosas, já que a deslocação ao Sul esconde motivos muitas vezes não confessados porque considerados indignos, pecaminosos ou impuros segundo os códigos sociais e morais interiorizados pelo viajante. São esses códigos que o autor vai decifrar:

«This bias towards disapproval influenced the language in

⁽¹¹⁾ *The Victorian Frame of Mind, 1830-1870*, Yale University Press, 1957, p. 236.

⁽¹²⁾ *The Rise of Respectable Society*, London, Fontana Press, 1988, p. 263.

which Victorians and Edwardians wrote about their travels to the Mediterranean. They adopted a defensive posture and exculpated themselves by invoking solemn purposes. Only with the arrival of the rebels of the Auden generation did it become a British literary fashion to advocate travel for its own sake and to proclaim the awfulness of Home as the justification for going Abroad. Before the Great War, leisured and literary Britons did not write in such iconoclastic terms. They used a different language of justification.» (p. 54)

Entre as justificações apresentadas e aceites como plausíveis para a deslocação ao estrangeiro contam-se razões de saúde, objectivos culturais e motivos de ordem religiosa, estes últimos no que diz respeito às visitas à Terra Santa. Porém, a viagem surge frequentemente como exílio para relações amorosas não aprovadas pela sociedade e para esconder problemas financeiros. Estas são algumas das intenções não reveladas. No primeiro caso estão em cheque valores morais e sexuais, as noções de *home*, casamento, família, princípios tão caros à sociedade vitoriana. No segundo caso é posto em questão todo um conjunto de valores que estão na base de uma sociedade que alia o sucesso pessoal e financeiro ao temor a Deus.

Vemos, portanto, que quer os motivos declarados, quer as intenções secretas fazem parte de um código de dissimulação que espelha uma sociedade reprimida por padrões de comportamento demasiado rígidos. A viagem ao Mediterrâneo é, assim, interpretada por John Pemble como uma forma de evasão, uma possibilidade de entrega à diversão, a libertação de um sentimento de culpa incutido pela religião, um contraponto para uma mentalidade pessimista e negativa que descrê da Humanidade e desconfia de tudo o que possa constituir paradigma de recreação.

O autor cita exemplos da literatura oitocentista que comprovam o aproveitamento da viagem como símbolo de libertação no sentido do quebrar a barreira dos preconceitos sociais. São prova disso as heroínas dos romances *Middlemarch* de George Eliot, *The Emancipated* de George Gissing e *A Room with a View* de Foster. Dorothea, Miriam Blake e Lucy Honeychurch, respectivamente, são exemplos de mulheres que, por acção da viagem, se libertaram das convenções rígidas da sociedade britânica. Segundo John Pemble, nos três romances mencionados os autores «detect in the rich art and emotional life of the South an invitation to relationships based on sympathy, and sincerity rather than on rules of conduct.» (p. 157)

Porém, a imagem do Sul não é apenas uma imagem positiva. É uma imagem ambivalente, já que o viajante nunca se liberta de um sentimento de culpa, do sentido mórbido do pecado e da necessidade de transformar a viagem num instrumento de elevação moral. John Pemble apresenta-nos vários casos ilustrativos, desde a forma como a viajante vitoriano encara a arte (não como um objecto de prazer estético mas, na linha de Ruskin e, de acordo com o espírito evangélico, um meio de aperfeiçoamento moral) até à tendência para ver nos grandes impérios do Sul símbolos do colapso político resultante da degeneração moral. Estes exemplos mostram como os viajantes contam mais o que esperam ver do que aquilo que realmente encontram, justificando a visão deturpada da realidade com razões extraídas dos valores que regem a sua própria sociedade. Como nos diz o autor:

«British historians and British travellers approached the South expecting to encounter turpitude; and, predictably enough, what they expected to find, they did find.

Historians found it in the public crimes and private vices associated with the later Roman Empire, the Borgias and the Medicis, the Renaissance Papacy, and the Republic of Venice.» (p. 236)

Um dos aspectos mais focados pelos viajantes e que constitui alvo de críticas acerbas é a religião. Mais uma vez, como explica o autor, a posição face à Igreja Católica também só poderá ser compreendida se tivermos em conta o universo mental do viajante:

«So British visitors to the South brought much of their sense of sacrilege with them. They arrived already deeply hostile to the Roman Church and constructed an image of her from the ingredients of old prejudice.» (p. 226)

Nos seus escritos os viajantes criticam o ritual das missas católicas, a idolatria, a mendicância, os conventos. Uma constante nas queixas britânicas contra a liturgia católica é o seu carácter de espectáculo, que a aproxima do teatral. Segundo John Pemble:

«To the Protestant mentality [...] Papal symbolism was a meretricious pretence which usurped, in a ineffably preposterous way, the reverence due only to the ultimate Reality. It linked Christianity with the theatre; and the theatre, as a simulacrum, an illusion, was by implication the antithesis of truth.» (p. 214)

Estas observações sobre a religião não poderão deixar de nos fazer lembrar outras tantas opiniões extravasadas nos relatos sobre Portugal saídos da pena de viajantes ingleses ao longo dos séculos XVIII e XIX. Por todos eles perpassa, invariavelmente, uma atitude de estranheza e desprezo pelas manifestações da Igreja Católica. Os viajantes descrevem pormenorizadamente festividades religiosas, como o Natal ou a Páscoa, e cerimónias como funerais, casamentos ou baptizados, para além de tecerem comentários não isentos de ironia cada vez que encontram padres pelas ruas de Lisboa ou cenas do culto Mariano. A sua atitude assemelha-se à dos viajantes vitorianos estudados em *The Mediterranean Passion*, e uma das explicações fornecidas pelo autor poderá aplicar-se também no caso dos relatos de viagem sobre Portugal. Diz John Pemble:

«Because they were conditioned by their education and their literature to associate Catholic clergy with the Inquisition, martyrs, cunning sophistry, and stifled lights of science, whenever they encountered priests Victorian travellers saw images of evil, dredged from the depths of Protestant prejudice.» (p. 215)

Também a forma como os viajantes vitorianos e eduardinos vêem os povos dos países visitados encontra paralelo nos livros de viagens sobre Portugal. De acordo com John Pemble:

«Victorian and Edwardian travellers, like censorious school-teachers, peppered their reports with animadversions on the Mediterranean character. The Greeks were mendacious and perfidious; the Arabs were idle, abject and sensual; town Italians were frivolous, vicious and scheming; Italian peasants were shifty, cunning, and shameless.» (p. 237)

Quanto aos Portugueses, são geralmente classificados de indolentes, mandriões, incivilizados, ignorantes e supersticiosos, entre outros epítetos. É a superioridade do inglês face ao homem do Sul, de uma sociedade industrial face a sociedades agrárias. No caso de Portugal, este sentimento de superioridade justifica-se ainda por razões históricas, nomeadamente pelas vicissitudes da Aliança luso-britânica. O inglês vê-se como o protector e libertador de Portugal, primeiramente no caso das invasões francesas e depois quando da Guerra Civil. Os relatos destas épocas caracterizam-se pelo culto do herói, Wellington e Charles Napier, respectivamente. Este aspecto está ligado a uma determinada forma de imperialismo, também detectado por John Pemble, uma vez que irá acentuar-se a partir de meados do século XIX:

«It was very difficult for a visitor to the Mediterranean not to be reminded of Britain's economic and military might. The English flag flying over the fortifications of Gibraltar, and the appurtenances of trade and empire in Malta, Cyprus, and Egypt, all recalled to the itinerant Victorian the weight of the British ledger and the power of the British sword.» (p. 269)

A noção da supremacia britânica é grandemente responsável pela quase ausência de relações com os povos visitados. Os viajantes recriam no estrangeiro a insularidade que os caracteriza geograficamente. Os ingleses no Sul não são mais do que ilhas da sua Ilha, mantendo-se isolados das comunidades mediterrânicas e unidos nos seus grupos nacionais, o que não permite o verdadeiro conhecimento e compreensão de outras formas de viver. Também esta atitude é justificada pelas características do seu mundo de origem:

«If the British touched Southern life too lightly to receive its imprint or extract its essence, this was due partly at least to omission and evasion on the Mediterranean side. Southern society offered nothing equivalent to the professional, financial, and industrial bourgeoisie of Victorian Britain, so it was difficult for middle-class travellers to find abroad a social group with whom they could readily identify and associate.» (p. 263)

Separatismo religioso, maior desenvolvimento industrial e económico, sentimento de superioridade, tudo contribuiu para a formação de uma imagem distorcida dos países mediterrânicos e justifica, em grande parte, a subjectividade dos testemunhos de viagem. Os viajantes criam um mundo mítico, que não é mais do que uma resposta às suas próprias necessidades. É esta a tese

defendida por John Pemble. A paixão pelo Mediterrâneo revela-nos mais sobre os viajantes do que sobre os países visitados:

«But if their visits contributed little to an understanding of the Mediterranean, they have contributed much to an understanding of the Victorians. Although the South did not reveal itself to them, they revealed themselves to the South.» (p. 274)

Poderemos dizer que a imagem dos países mediterrânicos se converte em estereótipo, já que encontramos nela temas e motivos recorrentes. Como vimos, a imagem de Portugal integra-se, em grande parte, neste grande estereótipo do Sul. Seria interessante estudar detalhadamente os pontos de contacto presentes nesta relação. Para tal seria necessário ter em conta quer a realidade portuguesa, quer a evolução da sociedade inglesa. Como mostra John Pemble, trata-se de um estudo complexo, já que por detrás de uma aparente linearidade se encontram atitudes ambivalentes justificadas pelo horizonte de expectativas do viajante.

É este o grande mérito de *The Mediterranean Passion*. O autor nunca perde de vista o universo moral, religioso e sócio-cultural do viajante e, para além de nos levar pelo Mediterrâneo, transporta-nos até à Inglaterra vitoriana e eduardina, apresentando-nos uma história mental da viagem, onde se entrecruza um leque de disciplinas que se estende da história à arqueologia, da literatura à pintura, da medicina à filosofia. É com paixão que o acompanhamos.